

"Dona Flor" já é favorito do Festival de Cinema de Gramado

RUBENS EWALD FILHO
Enviado especial

GRAMADO — Na véspera de seu encerramento, já se pode classificar o V Festival do Cinema Brasileiro de Gramado como o mais importante certame do gênero no Brasil, além das condições especialíssimas da cidade gaúcha, um recanto turístico com excelente rede hoteleira, cinema bem aparelhado, público interessado e excepcional organização.

Conseguiu-se até resolver o problema de tempo ocioso, já que, na maior parte dos festivais brasileiros, se passa a maior parte à beira da piscina, tomando banho de sol sem nenhuma outra atividade paralela. Aqui em Gramado, há um debate diário sobre os filmes apresentados na noite anterior, uma espécie de conferência de imprensa a que todos têm acesso e onde se discutem toda sorte de problemas em relação ao cinema.

Assim, entre churrascos campeiros e desfiles de modas promocionais, o festival prepara-se para consagrar "Dona Flor e Seus Dois Maridos". Na noite de quinta-feira, o filme atraiu um público recorde ao Cine Embaixador, que o aplaudiu demoradamente, embora já estivesse condicionado a apreciá-lo influenciado pela presença de atores da Globo, da novela "Estúpido Cupido", que vieram prestigiá-lo.

Essa promoção maciça fez que, na madrugada de sexta-feira, alguns produtores, encabeçados por Pedro Rovati, esboçassem uma espécie de movimento contra "Dona Flor", acusando o seu produtor, Luis Carlos Barreto, de concorrência desleal e indevida, utilizando o "Sistema Globo" para influenciar o júri. Mas a reação morreu na própria gestação, já que Rovati também parecia suspeito de estar promovendo a ação simplesmente para ajudar seus dois filmes, "Crueldade Mortal" e "Ibrahim do Subúrbio" que concorrem ao festival. Seria pois o caso de substituir um mal pelo outro.

Na conferência de imprensa, Barreto aproveitou a oportunidade para defender várias de suas idéias, propondo manifesto em favor da profissionalização do ator brasileiro (já feito no festival passado sem consequências efetivas) e estimulando a criação de estúdios de som no Brasil (agravado pelo fechamento temporário do melhor estúdio carioca, o Somil), maior fiscalização nos cinemas no Interior e contra a colonização de nossa realidade cinematográfica na maior aparelhagem de som nos cinemas, as dificuldades dos operadores que não cuidam de foco e luminosidade de carvão etc.).

Tudo isso com a segurança de quem sabe que "Dona

Flor" já rendeu 25 milhões (ao custo de 5 milhões), o que já lhe deu a chance de comprar um apartamento de cobertura em Ipanema, e com a segurança de não ter concorrido até agora um concorrente à sua altura. O filme mais aguardado, "Crueldade Mortal", de Luis Paulinho dos Santos acabou constituindo uma lamentável decepção. O diretor não esteve presente em Gramado, pois está na Índia com seu filme, participando do Festival de Nova Delhi. Inspirado num fato real o linchamento de um velho louco em Nova Iguaçu, Paulinho atualizou a história e lhe acrescentou toda sorte de simbolismos, desde a Via Crucis e o Calvário até uma escola de samba que afirma no final que "tudo é samba, néga".

Com diálogos óbvios, interpretações desiguais e excesso de gritaria, o filme provoca no espectador a impressão errada. Em vez de nos chocarmos com a brutalidade dos fatos, ficamos exasperados para vê-lo logo terminado. Não há emoção ou empatia, apenas confusão, que comoveu apenas os críticos argentinos presentes ao festival. Mesmo Jofre Soares, que seria um candidato natural ao prêmio de melhor ator, sofre diante do fato de ter sido premiado no ano anterior por "O Predileto" e por estar concorrendo com o último trabalho de Mauro Mendonça em "Dona Flor" e a campanha de envolvimento do gaúcho José Lewgoy, que concorre por "Ibrahim do Subúrbio".

Outra novidade introduzida pelo Festival de Gramado é a presença de um filme estrangeiro convidado, desta vez "La Trégué", do argentino Sérgio Benas, que em 75 concorreu como um dos cinco finalistas ao Oscar de melhor filme estrangeiro. Mas infelizmente, o filme tem muito malodrama de Pelinex e se transforma em outra decepção.

A mesma coisa em relação aos curtas-metragens, que têm sido muito fracos. O documentário "Wilson Grey", de A. Jessel, limita-se a mostrar trechos de filmes do autor (sem identificá-lo) e um depoimento constrangedor e real sobre as difíceis condições de vida de um ator brasileiro. Falta também um pouco mais de didatismo a "O Homem e o Limite" de Ruy Santos, em que o diretor, que foi fotógrafo do lendário "Limite" de Mário Peixoto, tenta nos desvendar um pouco do mistério desta figura lendária do cinema brasileiro. O importante é que no final apresenta dez minutos do próprio "Limite", que são uma autêntica revelação de lirismo e sensibilidade, ousadíssimo para a época, 1930.

Para a última noite de filmes, o critério, segundo alguns, teria sido mais geralístico do que artístico, já que se trata do mineiro "O Seminário", de Geraldo dos Santos Pereira, e do carioca "Ibrahim do Subúrbio", com

episódios de Cecil Thiré e do paulista Astolfo Araújo.

CURTAS

"O Seminário" é baseado em livro de Bernardo Guimarães, cuja ação foi atualizada de 1872 para a década de 20. Mas o diretor Geraldo dos Santos Pereira afirma ter sido fidedigno ao espírito da obra, mostrando "a revolta contra a imposição e o autoritarismo, a coação moral e a falsa vocação religiosa", dizendo que procurou fazer um filme humano e emocionante. Santos Pereira testou sua fita antes, por duas vezes, em sessões abertas ao público, numa espécie de "Preview", que resultou num corte de 5 minutos, para torná-lo mais acessível ao público. Liberado pela Censura para 16 anos, o filme traz os atores Raul Cortez, Liana Durval, Nildo Parente, Lídia Mattos e as estrelas Eduardo Machado e Louise Cardoso, que tem o mérito de ter sido indicada por Carlos Drummond de Andrade.

Pereira, que não filmava desde 1970, quando fez "Balada dos Infelizes", teve problemas com a curia mineira, que não permitiu que ele usasse o Seminário de Mariana, por achar que se tratava de um livro herético. Seu capital de produção vem da Embrafilme, de sua própria firma e da Linx Films, de Cesar Memmolo.

Foi também a Embrafilme que deu origem ao projeto de "Ibrahim do Subúrbio", uma fita que procura abrir outras perspectivas para as comédias nacionais.

Feita com recursos modestos (as filmagens não duraram ao todo mais de 71 dias), a fita não é uma porcochanchada, mas uma comédia de costumes, passada no subúrbio carioca. "Ibrahim do Subúrbio" é o nome do episódio de Cecil Thiré, sobre um auxiliar de alfaiate (José Lewgoy) que vive com a mulher (Heloisa Mafalda) e a filha (Lucélia Santos), cujo "hobby" é colecionar os recortes da coluna de Ibrahim Sued e se imaginar na alta sociedade.

"Rey, o gargalhador Profissional", de Astolfo Araújo, traz Paulo Hesse como um sujeito que vive de bicos, até o dia que descobre que sua gargalhada original pode ser utilizada na clique de programas de televisão. Há uma luta pelo poder dentro da clique. Astolfo aproveita para criticar a televisão brasileira, particularmente o Sistema Globo.

Astolfo define seu episódio como uma mistura de "farsa e alegria", destacando a atuação de Hesse como coadjuvante. Além dele, Heloisa Mafalda e Lewgoy são indicados pela comissão de seleção do Festival como prováveis finalistas à premiação.

O difícil será prever os critérios do júri, quase todo ele formado por elementos do Rio Grande do Sul e represen-

tantes de autoridades, mais entendidos em festividades do que em cinema, o que parece apenas um ponto mais a favor da presença de "Dona Flor e Seus Dois Maridos".

Na sessão de sexta-feira, o público recebeu bem os dois filmes. "O Seminário" é o melhor filme de Geraldo Santos Pereira desde "A Rebelião em Vila Rica" (57), embora se possa fazer restrições ao fato de atacar a Igreja nesta época de Monjas de Monza e Santo Arcangelo, em conservar a ingenuidade do romance original, em escolher um ato débil e maneiroso para o protagonista. Com uma boa fotografia

de José Medeiros e um final empolgante, sem esquecer de bela e sensível revelação feminina Louise Cardoso, o filme poderá ter uma boa carreira comercial.

No filme seguinte, a divertida comédia de costumes "O Ibrahim do Subúrbio" José Lewgoy teve uma verdadeira

consagração, por parte do público presente à sessão. E de fato, ele tem a melhor interpretação de sua carreira, maturo, brilhante e humano. O primeiro episódio, "Rey, o Gargalhador", tem uma boa idéia mas uma realização sofrível, padecendo da ausência de um Alberto Sordi ou

Nino Manfredi. O segundo, o próprio "Ibrahim", demonstra novamente o talento do diretor Cecil Thiré, que não dirige desde "O Diabo Mora no Sangue" de 67, extraindo uma comédia perfeita de Heloisa Mafalda, Lucélia Santos e o subúrbio de Quin-

tino.

NESTE VERÃO, preço baixo é no Jumbo e na ELETRO RADIO BRAZ



REFRIGERADOR CLIMAX PRIMAVERA Modelo 77 - 230 litros de capacidade. Porta totalmente aprovável. Cores: branco, azul ou vermelho.
Mensais iguais de **156,00** sem entrada.



TV PHILIPS PORTÁTIL (12") 34 cm. Gabinete colorido. Som frontal. Totalmente transistorizado. Funciona em 110 e 220 v.
À vista **2.290,00**
ou mensais iguais de 149,00 sem entrada.



TV SHARP COLOR 16" 41 cm. Unifon - sistema que proporciona imagem 25% mais nítida. 2 seletores de canais UHF e VHF. 2 antenas telescópicas internas.
Mensais iguais de **428,00**



LIQUIDIFICADOR WALITA CAMPEÃO LUXO Controle de velocidades, toque pluma.
À vista **329,00**
ou mensais iguais de 26,00 sem entrada.



FOGÃO SEMER LINEA D'ORO 4 bocas. Ampla fôrma com visor. Manipuladores anatómicos. Puxadores alumínio. Gas de tudo engarrafado. Cores: branco, azul, vermelho ou amarelo.
À vista **1.890,00**
ou mensais iguais de 123,00 sem entrada.



ELGIN ZIG-ZAG Com gabinete em imbuia. Costura para frente e para trás. Chuleira, caseira, borda e prega borda.
Mensais iguais de **198,00** sem entrada.



ENCERADEIRA WALITA 3 espovos.
À vista **890,00**
ou mensais iguais de 72,00 sem entrada.



VENTILADOR GENERAL ELECTRIC Modelo Vortalex. 30 cm. Oscilante.
À vista **798,00**
ou mensais iguais de 64,00 sem entrada.



ESPREMEDOR DE FRUTAS BRAUN
À vista **320,00**
ou mensais iguais de 26,00 sem entrada.



CIRCULADOR DE AR BOMCLIMA Mod. Lunik.
À vista **948,00**
ou mensais iguais de 76,00 sem entrada.



VENTILADOR BRITANINHA 3 velocidades.
À vista **178,00**
ou mensais iguais de 14,00 sem entrada.

A arte nacional em Panorama

SHEILA LEIRNER

Quais as características gerais da pintura atual brasileira? Qual a sua situação em face das demais expressões artísticas em nosso País? Em que estágio ela se encontra dentro do próprio desenvolvimento? Em que sentido representam algumas de suas amostras uma busca original e criativa de identidade nacional e universal? E de que forma a nossa pintura ainda subsiste como uma apropriação artificial de fórmulas preestabelecidas em moldes antigos ou modernos, nativos ou alienígenas?

Relativamente livres de generalizações, essas e outras questões são parcialmente respondidas com o Panorama de Arte Atual Brasileira oferecido pelo MAM, que em seu rodízio habitual dedicou o ano de 77 apenas a essa expressão sem, contudo, expor boa parte da amostragem esperada para uma manifestação desta envergadura.

No entanto, o Panorama é bastante útil mesmo na falta de nomes relevantes da pintura brasileira — como Milton Dacosta, Maria Leontina, João Câmara, Humberto Espinola, Djanira, Wesley Duke Lee, Glauco Rodrigues, Manabu Mabe, Rubem Valentim, Iberê Camargo, Hercúles Barroto, Willis de Castro, Maciej Babinsky, entre outros — mais ou menos jovens — muito acertadamente reclamados pela crítica especializada. Mostra-se suficiente para concluir, por exemplo, que as características peculiares à nossa pintura correspondem na maior parte das vezes a períodos, técnicas e escolas distintas, sendo raros os momentos em que, menos superficialmente, traduzem objetivos, linguagens e sua essência. No confronto com as demais expressões artísticas em nosso País, a pintura tende a ser enfatizada como uma "arte nobre", o que repercute de maneira negativa no trabalho de boa parte dos artistas.

Esse preconceito, assim como outros fatores da mesma gravidade, acentua a ausência de uma reflexão mais profunda acerca dos novos conceitos que a pintura deveria incorporar sem, contudo, afastar-se da nossa realidade. Surgem daí, os estereótipos, assimilações superficiais das verdadeiras propostas, muitas vezes até já superadas. Aparecem as tendências elitistas, os recursos fáceis como a exploração de temáticas repetitivas e digeríveis, como o

emprego de telas enormes para um grande e falso impacto, a excessiva ou propositalmente precária elaboração técnica de efeitos que terminam em si mesmos, a concordância com as regras ditadas pelo gosto do público e, conseqüentemente, o acordo tácito com o mercado.

O programa serve também para delinear o estágio atual da nossa pintura. Entretanto, para determinar a fase em que uma expressão artística se encontra dentro de seu próprio contexto, é necessário não apenas levar em consideração suas etapas anteriores, visualizando um futuro crescimento condizente com elas, como principalmente estabelecer os parâmetros universais de sua evolução. E mesmo levando em conta o fato de que a pintura brasileira se atém a uma realidade específica, com uma evolução bastante diferenciada até mesmo do resto da América Latina, isto significa que é impossível ignorar as conquistas dos centros culturais mais desenvolvidos.

Porisso podemos afirmar seguramente que o estágio atual pintura brasileira não só se encontra bastante retardado, como suas amostras tornam-se não raro anacrônicas e ineficientes, tanto na contraposição com as ricas e diversificadas experiências plásticas contemporâneas realizadas nos centros mais avançados, como dentro de seu próprio contexto. Este Panorama torna-se, portanto, melancólico quanto propositivo ao surpreendernos o espírito envelhecido de pelo menos vinte anos que circunda toda a exposição e ao verificarmos, por outro lado, que são raras — mas existem — as buscas originais, criativas e renovadas, que refletem as reais particularidades da nossa arte, aliadas a uma séria reflexão sobre a pintura.

Em meio a essa, às vezes absurda, heterogeneidade que reflete sem dúvida, a situação recessiva de invenção, desigual e equivocada da pintura em nosso país sobressaem indubitavelmente excelentes pintores como Iolanda Mahaly, Volpi, Ianelli, José Antonio da Silva, Otávio Araújo e Tomie Ohtake. Entre as intrínsecas inexplicáveis de acadêmicos como Manoel D'Assunção Santiago, e de desenhistas como a novata Bia Wouk, o rebuscado Philip Halliwell e o talentoso Carlos Eduardo Zimmerman, ressaltam outros ainda, cujo trabalho sistemá-

tico tem contribuído de maneira significativa para o enriquecimento dessa expressão. São eles Antonio Henrique Amaral, Antonio Maril, Cleber Gouveia, Tikashi Fukushima, Aldir Mendes de Souza, Gilberto Salvador, Glauco Pinto de Moraes, Henrique José, Gregório van Freitas, Maurício Nogueira Lima, Takashi Fukushima (detentor do Prêmio-Estímulo Caixa Econômica Federal), Thomaz Ianelli, Tomoshige Kusuno, Tunes, Wilma Martins (Prêmio Museu de Arte Moderna de São Paulo) e Wilma Pasqualini.

Os demais (ao todo são 85 artistas convidados) com cerca de 250 trabalhos podem ser agrupados segundo algumas de suas identidades. Os balanos Floriano Teixeira, Fernando Coelho e outros como Helenos, Estrigas, Glênio Bianchetti, Pedro Tort, Sant'Clau, Tancredi de Araújo, Maria Luiza Leão, Pierre Chaila e Pindaro Castelo Branco são figurativos que não evoluíram dentro de seu trabalho estilístico e essencialmente decorativo, não raro marcado para um mau gosto atroz. Da mesma forma como os abstratos Silvio Openeim, Francisco Bjojone, Marly Doring, Marília Torres, os semi figurativos Maria Helena Andrés, José Maria Dias da Cruz, com seus trabalhos esquemáticos, também não conseguem fugir à gratuidade desse mesmo decorativo.

Os mais jovens — como Claudio Tozzi que surpreende com as apropriações (agora legitimadas) dos antigos mestres, Greta com as distorções já repetidas da figura humana. Saverio Castellano que, há três anos, logrou um êxito maior com suas abstrações e desenhos figurativos, Irene Buarque de Gusmão, Paulo Roberto Leal que alinda aos requisitos do mau gosto e da sofisticação numa atitude paradoxalmente oposta ao minimalismo que pretende seguir, ao oferecer apenas a realidade material da tela — não apresentam, como era de se esperar, nenhuma proposta inovadora. Também sem inovações, há muitos superados sobretudo pela inexpressividade, embora ainda permaneçam com a mesma dignidade que sempre os caracterizou, comparecem os trabalhos de Agi Straus, Alice Brill, Anatoly Wladislaw Carlos Lemos, Magno Rebelo, Penna, Síntia, Sela Eichbaum, Hermelindo Fiaminghi, Adami, e outros.

APROVEITE AS FACILIDADES DO SUPERCRÉDITO JUMBO-ELETRO RADIO BRAZ